

Ciências da Religião na UNICAP¹

Sciences of Religion in UNICAP

Gilbraz Aragão*

Resumo

A presente reflexão trata do Mestrado em Ciências da Religião na Universidade Católica de Pernambuco. Recupera a história e o perfil do Programa, apresenta a organização metodológica dos estudos e disciplinas e explicita a concepção epistemológica dessa Pós-graduação. À guisa de conclusão, toma por analogia a música e aponta para as ciências da religião como uma sinfonia capaz de harmonizar o que se manifesta/e se esconde entre e para além das contradições entre sagrado e profano.

Palavras-chave: *Epistemologia e métodos, Universidade Católica de Pernambuco, Ciências da Religião.*

Résumé

Cette article est une réflexion sur la maîtrise en science des religions à l'Université Catholique de Pernambuco. Récupère l'histoire et le profil du programme, présente l'organisation de la méthodologie des études et des disciplines et explique sa conception épistémologique. En conclusion, par analogie, prend la musique et thématise les sciences de la religion comme une symphonie capable d'harmoniser le manifeste et / caché parmi et au-delà des contradictions entre le sacré et le profane.

Mots-clés: *Epistémologie et méthodes, Université Catholique de Pernambuco, Science de la Religion.*

¹ Recebido em 22/05/2012. Aprovado em 23/07/2012.

* Doutor em Teologia, coordenador do Mestrado em Ciências da Religião da UNICAP.
E-mail: gilbraz@unicap.br

Chegou o dia do julgamento final. O terror cobre a terra. A terra estremece, as sepulturas se abrem, os mortos ressuscitam, poderosos e humildes, reis e mendigos, justos e injustos. Um grito terrível enche o universo com um pedido de perdão que enche o espaço. Ouvem-se as trombetas apocalípticas. É hora do ajuste de contas, débitos e créditos, céu e inferno, inferno tão bem pintado nas telas horrendas de Hieronimus Bosch. Então, em meio a um silêncio sinistro, ouve-se o canto de um rouxinol distante. Uma grande tranquilidade invade tudo. E eis, surpresa! Não há julgamento, não há débitos e créditos, não há justos e pecadores, não há poderosos e humildes, não há vinganças e recompensas, não há condenações! Um sentimento de amor perfuma o mundo².

É assim que Gustav Mahler (1860-1911) descreve o último movimento da sua segunda sinfonia, chamada Sinfonia da Ressurreição. É mais ou menos assim, para gerar “sons” desconcertantes e terapeutizar as linguagens religiosas e fazer brotar novas possibilidades e significados dos símbolos resguardados pelas tradições espirituais, que nós imaginamos e criamos um Mestrado em Ciências da Religião no Recife.

Nosso desejo é colaborar para que ecoe pela cidade uma “música” dessas, que “ressuscita” ritos e mitos fossilizados em formas religiosas desumanas e condenatórias; colaborar para o concerto, em uníssono, entre os acordes das várias experiências religiosas – lembrando que um par de tons em uníssono pode ter diferentes timbres, vir de diferentes instrumentos ou vozes humanas, bastando que carreguem as mesmas frequências fundamentais. É algo como um canto de rouxinol que se escuta entre os livros e grupos de estudo do nosso Mestrado.

1. História e perfil do Programa

A Universidade Católica de Pernambuco – UNICAP, criada em 1951, originou-se da primeira escola superior católica da região, a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras Manoel

² Mahler apud Alves.

da Nóbrega, fundada em 1943, pela Província dos Jesuítas do Nordeste. A UNICAP constitui hoje um complexo educacional, que oferece, para uma comunidade de aproximadamente 15.000 estudantes, cursos do ensino fundamental à pós-graduação “*stricto sensu*”. Em sessenta anos de história, diplomou cerca de 50.000 estudantes,

Essa comunidade de educadores se encontra no coração do Recife, buscando promover conhecimento, fé e justiça. Desde o princípio, a UNICAP procurou ajudar principalmente as comunidades cristãs na busca das razões para sua fé, no exercício do direito a uma religião esclarecida. Mas, seguindo a tradição dos jesuítas, de colaborar com tudo o que leva a humanidade “para frente e para cima”, a Universidade sempre esteve aberta ao estudo científico das religiões e à meditação mística sobre os dados das ciências.

A UNICAP procurou promover o estudo da realidade interpretada simbolicamente e envolvida pela fé: realidade enquanto referida à dimensão do sagrado. O exercício da inteligência no domínio da espiritualidade levou à organização de cursos de Cultura Religiosa (Humanidade e Transcendência, Humanismo e Cidadania) para todos os universitários, bem como a atividades de extensão teológica e a um Bacharelado em Teologia, reconhecido pelo Ministério da Educação e avaliado como “muito bom”. Uma marca da Católica de Pernambuco, nessa busca de educação da fé, é a acolhida e promoção do mais amplo ecumenismo entre as tradições religiosas que defendem a justiça e a caridade, o mais sincero diálogo com as pessoas que amam a vida e a liberdade.

Por isso mesmo, em 2004, surgiu também uma primeira turma do Mestrado em Ciências da Religião, pioneiro no Nordeste. O nosso Programa, recomendado pela CAPES, promove pesquisas sobre as religiões nos seus contextos histórico, social e cultural. Recorre ao instrumental teórico fornecido pelas ciências, sobretudo humanas, para de forma interdisciplinar desenvolver interpretações das diferentes manifestações de religiosidade, na

sua relação com a cultura e a sociedade. Com efeito, a nossa área de concentração é em “Religião, Cultura e Sociedade” e temos duas linhas de pesquisa: Campo Religioso Brasileiro e Tradição Judaico-cristã.

Os estudos transcorrem em dois anos, ao longo dos quais o estudante cursa disciplinas e seminários, além de preparar e defender uma dissertação. 24 créditos ao menos são exigidos, sendo 18 em disciplinas de 3 créditos [2 obrigatórias e 4 optativas - ou o equivalente em seminários de 1 crédito] e 6 em trabalho de elaboração da dissertação. O edital para seleção de nova turma é lançado no final do ano, mas o Programa acolhe estudantes para atividades isoladas em qualquer tempo.

O nosso quadro de professores [12 permanentes] é formado principalmente por teólogos, mas também historiadores, biblistas, psicólogo e sociólogo. Os estudantes vêm, sobretudo, de graduações em teologia e em história. As nossas turmas são muito ricas em experiências religiosas e profissionais. Uma boa parte é constituída por professores de religião, mas tivemos também padres, monsenhor e até bispo, além de pais e mães de santo e vários xangozeiros, e também pastores protestantes e oficial do Exército da Salvação e bruxa da Wicca, recebemos médicos e psicólogas, artistas e professor de dança... Todos atraídos pelo anseio de um conhecimento mais universal sobre a religiosidade!

Temos revistas de professores e estudantes³, temos site e blog⁴ para comunicação das nossas atividades. Dentre as atividades de extensão do Programa, destacamos o Observatório Transdisciplinar das Religiões no Recife: um espaço virtual⁵ com o objetivo de analisar os fatos relacionados aos encontros e desencontros entre as religiões na região, analisando-os sob um enfoque transdisciplinar e plurimetodológico, não confessional e acadêmico. Esse espaço virtual desdobra-se em Grupo de

³ Acessíveis na internet: <<http://crunicap.blogspot.com.br/p/publicacoes.html>>

⁴ Endereço do bloco de notícias: <<http://crunicap.blogspot.com.br>>

⁵ Endereço do Observatório das Religiões: <<http://www.unicap.br/observatorio2>>

Estudos sobre Transdisciplinaridade e Diálogo entre Culturas e Religiões, com reuniões semanais; os Eventos que procuram fomentar o diálogo, dentre os quais o Simpósio de Teologia e Ciências da Religião, que é trienal; e, finalmente, o Fórum Inter-Religioso da Unicap, que reúne a cada mês as lideranças religiosas para uma escuta mística da fé do outro, buscando multiplicar um espírito dialogal para todo o campus e para os educadores recifenses e nordestinos.

Os Projetos de Pesquisa do Programa são organizados em três Grupos cadastrados no CNPQ: na Linha Tradição Judaico-cristã, o GRUPO DE PESQUISA CRISTIANISMO E INTERPRETAÇÕES articula pesquisas em torno dos Textos Sagrados Judaico-cristãos e das interpretações do Cristianismo na Modernidade. O Grupo se propõe a estudar os textos fundadores do Movimento Cristão e o cristianismo em sua pluralidade de manifestações. Na Linha Campo Religioso Brasileiro, o GRUPO DE PESQUISA RELIGIÕES, IDENTIDADES E DIÁLOGOS, partindo da constatação da complexidade de performances do cenário religioso atual, propõe-se a analisar os novos deslocamentos religiosos, dando ênfase às várias tentativas de configuração de diálogo inter-religioso, bem como às novas gramáticas constitutivas das identidades religiosas nesse contexto. E o GRUPO DE PESQUISA ESTUDOS TRANSDISCIPLINARES EM HISTÓRIA SOCIAL tem como finalidade a análise da inserção e expansão da cultura religiosa, abordando questões históricas, políticas e culturais, numa visão transdisciplinar.

A produção acadêmica discente⁶, que já ultrapassou oitenta dissertações, concentra-se em descrições de fenômenos religiosos nordestinos, mormente os vinculados às manifestações populares advindas do catolicismo, pentecostalismo, religiões afro-brasileiras e novos movimentos religiosos. Registramos também várias dissertações que exploram mais teórica e hermeneuticamente as relações e diálogos entre as religiões e o

⁶ As dissertações estão disponibilizadas em <<http://www.unicap.br/tede>> e uma reflexão descritiva e avaliativa sobre elas está disponível em Lima (2010).

relacionamento entre fé e ciência, ou que buscam compreender as fronteiras descortinadas pelas espiritualidades pós-religiosas e pela religião virtualizada através da internet.

2. Organização metodológica dos estudos

No nosso Mestrado, a linha de pesquisa “Tradição Judaico-Cristã, Cultura e Sociedade” articula-se em torno dos seguintes temas: Textos Sagrados Judaico-cristãos, Patrologia e Apologética, Cristianismo e Modernidade. Através das pesquisas geradas pela recuperação dessas temáticas da tradição cristã, em sintonia com os desafios lançados pela sociedade atual, pretendemos colaborar justamente para uma ressignificação da teologia enquanto ciência que desenvolve a interpretação de mitos, ritos e símbolos de tradições de fé – o que implica tanto a caracterização dos conceitos teológicos como símbolos, quanto a redescoberta de conteúdos racionais em narrativas míticas. Pretendemos cooperar, igualmente, para uma nova hermenêutica dos símbolos da tradição cristã, pelo realismo que se impõe a quem participa em um campo transdisciplinarmente aberto à história comparada das religiões e à crítica psicossocial do fenômeno religioso.

A linha de pesquisa “Campo Religioso Brasileiro, Cultura e Sociedade” baseia-se no pressuposto de que a prática coletiva da religião, ou sua negação, constitui-se em um fenômeno social cujo estudo crítico e sistemático, com o aporte transdisciplinar das diversas ciências, é essencial para a compreensão da cultura brasileira. Buscando produzir estudos histórica e socialmente significativos, diante da amplidão do campo religioso no Brasil, a linha definiu para os próximos anos, a partir das pesquisas desenvolvidas atualmente, três blocos temáticos nos quais ela se concentra: Religião e Práticas Políticas e Sociais, Identidade e Diálogo Inter-religioso, e Identidade e Sincretismos Religiosos. O objetivo é analisar os deslocamentos religiosos na atualidade, dando ênfase às várias tentativas de configuração de diálogo

inter-religioso, bem como às novas gramáticas constitutivas das identidades religiosas nesse contexto.

No Mestrado, além dos Seminários temáticos (de 1 crédito, 15 horas) com tópicos atuais relacionados a cada Linha de Pesquisa do Programa e oferecidos pelos professores permanentes ou pesquisadores de passagem, desenvolvemos atualmente as seguintes Disciplinas (de 3 créditos, 45 horas), sendo as duas primeiras obrigatórias e as demais optativas:

Ciências da religião: interfaces

Há um grande interesse pela religião e pelo seu estudo mais sistemático e a constituição e ampliação desse campo científico estão exigindo que se defina melhor a sua configuração. A disciplina problematiza o estatuto epistemológico das ciências da religião, de modo a permitir que o religioso possa ser tomado não apenas como tema, mas também através de uma metodologia própria e apropriada. Trata-se de um aprofundamento do significado da área de estudo e pesquisa sobre a religião, buscando uma fundamentação transdisciplinar, crítica e interpretativa, para o tratamento científico do fenômeno religioso. Busca-se o favorecimento de uma compreensão civil e pública do fato religioso, que colabore na construção de culturas pluralistas e de sociedades democráticas, pelo estudo das seguintes temáticas: convite para uma sapiência da religiosidade; conceitos operativos do campo de ciências da religião; epistemologia e ciência, conhecimento e fenômeno religioso; desafios do fato religioso e aproximações científicas da religião; interfaces metodológicas das ciências sociais e humanas e das teologias; área de ciências da religião, configuração e método; perspectivas científicas para uma teologia do diálogo; revisão dos temas religiosos pelo enfoque científico transdisciplinar.

Metodologia do trabalho acadêmico

A pesquisa social tem sido marcada por estudos que valorizam o emprego de métodos quantitativos para descrever e explicar fenômenos. Hoje, porém, podemos identificar outra forma de abordagem que se tem afirmado como forte procedimento de investigação: trata-se da pesquisa qualitativa. Essa forma metodológica vem ganhando gradativamente confiança, passando a ser entendida como eficiente. Inicialmente veio à tona no seio da Antropologia e da Sociologia e vem se fortalecendo também em outras áreas que tradicionalmente se interessam pela religião, como a Psicologia, a Educação, a Filosofia. A pesquisa quantitativa pressupõe que a realidade é objetiva e mensurável e procura entendê-la através de abstrações e interpretações das relações causais, testando construtos e hipóteses a partir do uso de mediações numéricas. A pesquisa qualitativa, por sua vez, concebe a realidade como um processo de construção permanente, onde o sujeito desempenha um papel ativo. Portanto, a realidade não seria composta apenas por dados objetivos, mas incluiria a intersubjetividade dos sujeitos. Além dessa reflexão em torno das metodologias de pesquisa e dos processos hermenêuticos de produção de conhecimento, a disciplina aborda os elementos constitutivos de um Projeto de Pesquisa Acadêmica, apresentando, de forma sistemático-interpretativa, as normas técnicas da ABNT para normatização de Trabalhos, nomeadamente no que se refere à Dissertação.

Antropologia da religião

A antropologia da religião envolve o estudo das instituições religiosas em relação a outras instituições sociais, e da comparação de crenças e práticas religiosas em diferentes culturas. Analisamos as contribuições dos autores clássicos da Antropologia Social para o estudo dos conceitos de religião, destacando as correntes teóricas que elaboraram suas concepções. Discutimos as teorias intelectualistas inglesas (Tylor e Frazer);

as teorias sociológicas francesas (Durkheim, Mauss); a teoria de Max Weber; o funcionalismo britânico (Malinowski, Firth, Evans-Pritchard); as teorias simbolistas (Mary Douglas, Victor Turner); a teoria marxista (Godelier); a teoria interpretativa (Geertz e outras). Buscamos também a compreensão de temas e aspectos escolhidos do fenômeno religioso, caracterizado pela busca da transcendência: a cosmovisão, a experiência religiosa, o êxtase e a possessão, a meditação e a práxis ética, além da sua expressão formal em mitos, ritos, magias e interditos da cultura. A disciplina busca ainda estabelecer a inter-relação religião/cultura/sociedade no passado e no presente.

Existência humana e dimensão psicorreligiosa

Desde que Freud declarou religião como fruto de uma neurose coletiva, a grande maioria das Igrejas apologeticamente lutou e ainda luta contra a psicologia, perdendo com isso a pessoa humana, tanto em nível consciente quanto inconsciente, na busca de uma realização mais plena da existência. Nesse confronto de ideias e sentimentos, aos poucos, foram surgindo abordagens psicológicas mais científicas da religião, compondo então as escolas anglo-americana, alemã, francesa e a italiana. Aceita ou não, a religião permeia a história humana desde a caverna até os grandes místicos de todas as religiões em todos os tempos, e é um fator importante para integrar ou desintegrar a personalidade, unificar ou não o biopsiquismo humano. A disciplina busca conhecer e analisar criticamente as raízes internas e/ ou externas do fenômeno da religiosidade da pessoa e grupos humanos - sob os aspectos cognitivo, psicanalítico e psicossocial - com seus componentes motivacionais, experienciais, representacionais e comportamentais, ao vivenciarem determinada fé ou ligação com a transcendência, fator determinante para o amadurecimento sadio e integrador da personalidade em busca de uma plenificação maior de sua existência no “ser-e-existir-radicalmente-com-os-outros”, na caminhada entre o nascer e o morrer. O curso traça não somente um panorama atualizado da

Psicologia da Religião, mas também aponta para uma pedagogia respeitosa de esclarecimento do sagrado que se esconde e se manifesta entre e para além das religiões, ensejando também um desejo não apenas de explicar fenômenos, mas também de salvá-los – pela firme convicção de que o nosso psiquismo encontra-se ligado aos objetos religiosos.

Hermenêutica filosófica e fenômeno religioso

Tendo presente a virada hermenêutica da filosofia na metade do século XX e o fato de que a hermenêutica “dá o que pensar”, ao lado do que ela normalmente oferece para o próprio crer de seu interlocutor, trata-se nesse curso de refletir sobre as diversas expressões dessa virada e sobre a hermenêutica filosófica de Paul Ricoeur, que se encontra de maneira acabada em sua obra *Tempo e Relato*. Em seguida, trata-se também de pensar a contribuição da teoria hermenêutica ricoeuriana para a reinterpretação do fenômeno religioso. E este último, por sua vez, encontra-se condensado em várias narrativas ou tradições religiosas. É o caso, então, de estabelecer uma interface entre a Teoria da Narratividade e os relatos religiosos, com o intuito de pontuar e explicitar elementos fundamentais dessas narrativas religiosas para o (re)pensamento do próprio labor filosófico, bem como propor elementos filosófico-hermenêuticos da Teoria da Narratividade que permitam uma fecunda (re)tecitura do pensar e do existir das respectivas expressões religiosas a serem estudadas.

História das religiões no Brasil

A grande contribuição que a história pode dar às Ciências da Religião é a da historicização rigorosa dos múltiplos fenômenos do campo religioso que marcam a constituição e a evolução das sociedades humanas no tempo. Entende-se por historicização rigorosa o situar cada fenômeno ligado ao campo religioso – sistemas de crença; movimentos sociais cuja razão de ser é

justificada, no discurso de seus integrantes, por estas crenças; quadro de valores; ritos; instituições organizadas para veicular tais crenças; relações de poder cujo objetivo é o controle dessas instituições e dos movimentos sociais a elas relacionados – nos processos sociais de produção e reprodução da vida, poder e cultura ao longo do tempo, isto é, na história das sociedades humanas, e não fora dela. A disciplina pretende, portanto, oferecer tal contribuição, reconstruindo, sem a pretensão de abarcar toda a História do Brasil, a gênese e o desenrolar-se de alguns dos momentos-chave em que fenômenos do campo religioso interferiram, e até mesmo condicionaram, a evolução da sociedade brasileira, desde a sua forma de organização estatal aos grupos e movimentos sociais mais significativos vinculados a tais fenômenos. A partir dessas perspectivas, a disciplina aborda os seguintes aspectos: populações indígenas brasileiras e religião; a Igreja Católica no Brasil: períodos colonial, imperial e republicano; catolicismo popular; grupos protestantes históricos no Brasil; inserção do pentecostalismo no Brasil; os cultos afro-brasileiros; o islamismo no Brasil; o judaísmo no Brasil; o espiritismo no Brasil.

Interpretações da religião na modernidade

Até bem pouco tempo atrás, a religião era tratada por muitos pesquisadores apenas como um traço cultural sobrevivente das sociedades pré-modernas, como mero anacronismo que não tardaria a findar, para então nos libertar de vez de um dito “obscurantismo religioso” e para nos fazer viver num mundo totalmente desencantado e dominado pelas diversas facetas da razão forjada na modernidade Ocidental. Nos dias atuais, esse tipo de tratamento parece se tornar cada vez mais insustentável. Assiste-se, pelo contrário, a um espetacular revigoramento do fenômeno religioso no mundo contemporâneo, que coloca a religião na ordem do dia das preocupações acadêmicas, tanto na universidade e centros de pesquisas europeus e norte-

americanos, como nos latino-americanos, em particular nos países que formam o Mercosul. Partindo desse pressuposto, a disciplina tem como perspectiva o aprofundamento das principais teorias interpretativas da religião desenvolvidas na modernidade, tanto intrassistêmicas como críticas legitimadoras da sua rejeição. Introdução aos debates contemporâneos em sociologia da religião; secularização e misticismo na cena religiosa contemporânea; religião e modernidade, são alguns dos temas abordados.

Interpretações do sincretismo afro-católico no Brasil

○ sincretismo afro-católico é uma das principais características do campo religioso brasileiro. A sua discussão, principalmente na Antropologia e na Sociologia no Brasil pode ser dividida entre dois momentos significativos: antes e depois das pesquisas desenvolvidas por Roger Bastide. Inicialmente os estudos se desenvolveram a partir do pressuposto evolucionista, que buscava ver no sincretismo afro-brasileiro uma demonstração da inferioridade genética e, posteriormente, psicológica, dos negros. Posteriormente, influenciados pelas teorias da mestiçagem, os estudos buscaram compreender o sincretismo como parte de um processo cultural em evolução, no qual o elemento negro iria cada vez mais se diluindo em algo genuinamente novo, na medida em que os elementos da matriz europeia e cristã fossem penetrando e produzindo o processo de miscigenação. Só a partir dos estudos desenvolvidos por Roger Bastide é que a agenda dos estudos sobre o negro no Brasil sofreu uma profunda transformação, pois é a partir dele que o sincretismo afro-católico começa a ser visto desde a perspectiva do próprio negro. Não como uma etapa a ser superada por algo novo, mas como um rico e complexo processo de construção de sentido para a existência das pessoas envolvidas e, conseqüentemente, de suas identidades. A partir desta mudança na perspectiva de análise do sincretismo, outras constituições também surgiram e serão analisadas na disciplina:

o sincretismo e o seu significado psicológico, a partir da teoria dos arquétipos de C. G. Jung; o sincretismo e a sua relação com a discussão sobre a negritude e o sincretismo e o seu papel na construção da identidade afro-brasileira. Finalmente, a disciplina quer problematizar a necessidade de uma abordagem interdisciplinar para a compreensão das várias dimensões deste fenômeno.

Religião e inclusão social: a partir do Movimento de Jesus

A vivência religiosa pode se tornar pura alienação quando não leva a pessoa a se confrontar com o contexto vital em que está inserida. Partindo desse problema desafiador para toda expressão religiosa, uma linhagem de pesquisa tem se dedicado ao estudo crítico dos primórdios (dentro da cultura judaica) do movimento que deu origem ao cristianismo. Esse protocristianismo e, de modo especial, o Movimento de Jesus, conforme apontam as pesquisas, não se organizou como uma seita reclusa puritana, longe do contato ou da participação da sociedade palestinese do século I. Pelo contrário, tudo indica que esse movimento estava voltado para testemunhar e vivenciar a justiça misericordiosa de Deus em meio aos conflitos e desafios daquele tempo, algo que chamaríamos hoje de inclusão social. Dentro desse cenário, a disciplina tem como objetivo fazer uma abordagem crítica da ação social da Religião Cristã, em suas origens; analisar tais ações na perspectiva da inclusão social, na prática sócio-político-religiosa de grupos intrajudaicos na Palestina do século I, para se compreender o alcance social desses grupos, com ênfase no grupo liderado por Jesus de Nazaré; estudar textos seletos dos Evangelhos, com olhar específico sobre a prática social de Jesus e do seu grupo, na perspectiva da inclusão social.

Contextualidade e teologia na América Latina

A importância do contexto no nascimento e no desenvolvimento das religiões é algo óbvio e bastante matizado pela história das religiões, mas a emergência da contextualidade como paradigma de interpretação e apreensão dos dados de fé é algo mais recente que comporta, especialmente na configuração do cristianismo e nas teologias cristãs, uma tensão entre “particularismo e universalismo” e questiona toda pretensão de universalidade depurificada de particularidades culturais, sociais, econômicas, políticas, ideológicas e religiosas. As teologias do Sul do hemisfério foram muito cedo carimbadas de teologias contextuais a partir da suposição de uma teologia universal, porque oriunda do centro do mundo. Quais os pressupostos dos polos dessa tensão? A abordagem seguida pela disciplina estabelece uma aproximação histórico-teórica do conceito “contextualidade”, focando analítica e criticamente os seus desdobramentos no cristianismo da América Latina.

3. Concepção epistemológica do Mestrado

Como essas disciplinas e métodos de estudo se fundamentam e articulam? O campo de conhecimento das Ciências da Religião, como o concebemos e desenvolvemos, é interdisciplinar e recebe colaborações teóricas (e estudantes) das áreas de História e de Hermenêutica⁷, das disciplinas de Sociologia, Antropologia e Psicologia, bem como de Filosofia, Linguística e Teologia – exigindo, contudo, que os seus respectivos aportes metodológicos sejam redimensionados epistemologicamente com base na comparação empírica dos fatos e na busca hermenêutica de significados, através de uma lógica dialogal – pois as Ciências

⁷ As tensões entre uma influência mais histórico-fenomenológica nas “Ciências da Religião” e outra mais antropológico-hermenêutica na “Ciência das Religiões”, podem ser percebidas claramente quando se compara a produção de duas coleções para a área na mesma editora, Paulinas, em nosso país: “Religião e Cultura” e “Repensando a Religião”, respectivamente.

da Religião se articulam em torno da cultura epistemológica das controvérsias⁸.

Dessa forma que pesquisadores daquelas diversas áreas são bem vindos à pós-graduação em Ciências da Religião e podem produzir trabalhos com enfoques desde as suas graduações, bastando que se coloquem questões atingíveis fenomenologicamente⁹ e trabalháveis hermeneuticamente¹⁰, em torno do conceito de sagrado.

O conceito de Ciências da Religião, cunhado por Max Müller (1823-1900), deu origem a uma área acadêmica¹¹ que busca esclarecer a experiência humana do sagrado. Sobre a base da história geral das religiões ergue-se o estudo comparativo das religiões, que aborda as religiões e seus fenômenos com questionamentos sistemáticos. Ele forma categorias genéricas e

⁸ Marcelo Dascal, provavelmente o filósofo brasileiro mais conhecido no exterior, é um exemplo perfeito de como a história da filosofia e a ciência cognitiva podem, através de um diálogo constante, levar a novos resultados profundos na reflexão sobre as questões fundamentais de mente, linguagem, comunicação, cognição etc. Dascal é um grande especialista em filosofia do século 18, especificamente a de Leibniz, mas, para ele, estudar grandes pensadores do passado não é ser um antiquário intelectual, mas sim uma maneira de tratar dos problemas fundamentais da filosofia, e da nossa vida intelectual, hoje e aqui, no começo do século 21. Para tanto, Dascal esboça uma cultura epistemológica das controvérsias, que interessa muito à(s) Ciência(s) da Religião: "... Um campo específico em epistemologia contemporânea desdobrado a partir das investigações Kuhnianas é o estudo conceitual e empírico-histórico das controvérsias, tal como vem sendo desenvolvido por Marcelo Dascal e seu grupo de pesquisa em controvérsias científicas, teológicas e filosóficas no período compreendido entre os anos de 1600 e 1800 na Europa ocidental. Focalizando o que chamaria de crises como sendo o eixo central do modo como se dá a construção das teorias em ciência, e a resolução (ou não) destas via apreciação da dialética dos argumentos [a controvérsia em si, no caso de um estudo empírico em particular], penso que seria consistente descrever o seguinte cenário específico: o campo científico de estudos do fenômeno religioso é um caso clínico típico de controvérsia, e se tratado como tal poder-se-á, talvez, esclarecer [no sentido de torná-las mais iluminadas] algumas das mais importantes questões epistemológicas (e metodológicas) em questão na nossa prática" (Pondé, 2001, p. 17).

⁹ Para esclarecer as relações entre fenomenologia e Ciências da Religião, indicamos Dreher (2003); também o texto de Brandt (2006, p. 122-151); além do artigo de Giorgi (2008, p. 386-409).

¹⁰ Para aclarar o recurso hermenêutico das Ciências da Religião, sugerimos Paden (2001); Terrin (2003); Geffré (2004) e Redyson (2011).

¹¹ Vale a pena analisar as discussões apresentadas a esse respeito em Usarsky (2007). Uma ótima introdução ao nosso campo de estudos também pode ser encontrada em Cruz (2004).

se esforça para apreender o mundo dos fenômenos religiosos de tal modo que transpareçam linhas fundamentais, sobretudo fazendo uso da fenomenologia.

Enquanto a história das religiões constitui a base das Ciências da Religião, a pesquisa sistemática das religiões deve mostrar semelhanças e diferenças de fenômenos análogos sobre o sagrado em diversas religiões e apresentar a hermenêutica dos “textos” que se tornaram sagrados, em seus contextos. As relações entre religião e suas condições contextuais são então aclaradas por distintas disciplinas, conforme o esquema que propomos abaixo, evocando uma referência clássica e outra contemporânea de autor que, em cada área do conhecimento, pode ser aproximado do nosso campo epistemológico:

Assim, por exemplo, a sociologia da religião ocupa-se das relações recíprocas entre religião e sociedade, incluindo também a dimensão política. A psicologia da religião dedica-se a processos religiosos que devem ser compreendidos a partir da peculiaridade do elemento psíquico. A geografia das religiões investiga as relações entre religião e espaço, sendo que este se entende não apenas em sentido físico, mas também cultural, e une-se à história comparada das religiões, conformando o núcleo onde se processam as controvérsias sobre a construção e/ou manifestação do(s) sagrado(s).

As ciências da linguagem, junto com a antropologia, aportam colaborações destacadas para a descrição e interpretação dos fatos religiosos, como construtos humanos e códigos simbólicos. Assim também, a filosofia participa do campo epistemológico das Ciências da Religião, desde que não reduza teoricamente o religioso a mero epifenômeno e busque sistematizar os fatos religiosos com maiores preocupações de objetividade; e a teologia¹², desde que se redefina metodologicamente como uma interpretação das tradições de fé e não se limite a expor uma

¹² Para um aprofundamento das relações entre Ciências da Religião e teologia, ver os artigos de Ethiene Higuete <<http://www.metodista.br/ppc/correlatio/correlatio09/a-teologia-em-programas-de-ciencias-da-religiao>> e de Afonso Soares <<http://ciberteologia.paulinas.org.br/portals/24/OIATeologiaEmDialogo.pdf>>

doutrina religiosa. Desse modo, com as questões certas e os procedimentos adequados, podemos construir juntos a sinfonia polifônica do esclarecimento possível sobre as experiências religiosas.

E mais: se o que caracteriza as Ciências da Religião é esse voltar à natureza e aos fenômenos, porque muitos discursos filosóficos e teológicos e até mesmo ditos científicos, pela psicossociologia, tornaram-se por demais teóricos e *autorreferenciados*, compreendemos que a temática do pluralismo religioso e a pre-ocupação político-cultural com o diálogo inter-religioso constituem hoje um dinamismo que exige e permite que a gente circunscreva o campo das pesquisas sobre religiões pelos balizadores da comparação fenomenológica e da interpretação hermenêutica – haja vista que as religiões estão se reconfigurando em nossa era de mudanças e precisam ser redescritas, e necessitam também de mútuas traduções em nosso tempo de comunicações e diálogos.

A crítica feita à fenomenologia é que, por estar comprometida com o sentido da experiência religiosa, não teria condições de fazer “ciência”. A crítica feita à ciência empírica é que não é possível uma aproximação a um objeto que não implique um pressuposto interpretativo. Essa é uma tensão que precisamos aprender a administrar criativamente. Ainda há pouco perguntamos em nosso blog qual destas questões é própria das Ciências da Religião (e não da Teologia, Filosofia ou História): A Bíblia tem razão? Os espíritos incorporam de verdade? Qual o sentido deste fato religioso? Deus existe mesmo? Essa é uma experiência religiosa verdadeira? Que estruturas de produção explicam tal religiosidade?

Então, 55 % das pessoas votaram acertadamente na pergunta “Qual o sentido deste fato religioso”. Questões como “A Bíblia tem razão” ou “Esta é uma experiência religiosa verdadeira” são mais restritamente teológicas. “Deus existe mesmo” é um problema filosófico. “Que estruturas de produção explicam tal religiosidade” e “Os espíritos incorporam de verdade”

correspondem a certas linhas de pesquisa da sociologia e da psicologia, historicamente datadas.

Sabemos que ainda não há consenso sobre o campo epistemológico apropriado das Ciências da Religião. As diferenças principais estão no entendimento sobre o que se pode conhecer e como mitigar a nossa miséria cognitiva: existe uma ciência da religião com método interdisciplinar próprio ou apenas aplicações dos métodos das ciências humanas e sociais ao tema da religiosidade?! Esconder-se-ia em todas as religiões uma essência, ainda que fenomenológica, da religião, ou devemos nos contentar com a apreensão da diversidade de tradições locais dos fatos religiosos?

A nosso ver, estamos diante de um campo epistemológico mais do que “inter”, transdisciplinar¹³, muito recentemente esboçado entre nós no Brasil (Cf. Teixeira, op. cit.) e ainda não completamente desenvolvido pelo mundo afora¹⁴, mas que não tem o mesmo ponto de vista e processamento sobre o fenômeno das religiões a que nos habituamos em nossas formações de filósofos e teólogos, antropólogos, psicólogos e sociólogos. Recorrendo a

¹³ A pluridisciplinaridade diz respeito ao estudo de um objeto de uma mesma e única disciplina por várias disciplinas ao mesmo tempo. A interdisciplinaridade diz respeito à transferência de métodos de uma disciplina para outra. A transdisciplinaridade, como o prefixo “trans” indica, diz respeito àquilo que está ao mesmo tempo entre as disciplinas, através das diferentes disciplinas e além de qualquer disciplina. Seu objetivo é a compreensão do mundo presente, para o qual um dos imperativos é a unidade do conhecimento (Cf. Sommerman, 2006).

¹⁴ Pelo que temos percebido nos intercâmbios dos últimos congressos da nossa área, é na América do Norte que se encontra o maior mercado de trabalho no mundo para professores universitários em Teologia e Ciências da Religião (a American Academy of Religion possui nove mil membros e a Society of Biblical Literature, oito mil), como também é aí que florescem experiências alvissareiras de relações entre teologias e estudos da religião. Nos Estados Unidos, muitos centros oferecem disciplinas compartilhadas na área e o diferencial entre o enfoque teológico e o de ciências da religião aparece na pesquisa ou tese do estudante, denotando uma ênfase hermenêutica mais a partir “de dentro” ou “de fora” do fenômeno religioso estudado, respectivamente. Tal situação foi provocada a partir da década de 1960, quando a Suprema Corte dos EUA proibiu o ensino de teologia em universidades que recebessem dinheiro federal, liberando porém explicitamente o estudo mais “objetivo” e “neutro” da religião. Resultado, a Teologia, enquanto interpretação que busca “desde dentro” as razões para uma tradição de fé, passou a ser uma das Ciências da Religião. Sobre isso, pode-se acessar a reflexão “Novos métodos em Ciências da Religião” em <<http://cronicap.blogspot.com.br/2011/10/novos-metodos-em-ciencias-da-religiao.html>>

uma analogia literária, todo pesquisador em Ciências da Religião precisa fazer um pacto (metodológico) com o “diabo” (caso seja crente) ou com o “divino” (caso seja agnóstico).

Retomando o Fausto, de Goethe¹⁵, uma tragédia que inaugura a cultura moderna, acreditamos ser preciso voltar à natureza da realidade e proceder a uma mudança nos métodos de estudos, como fez Fausto, não apenas para ampliar sua ciência, mas para reaprender a viver. O saber que serviria para entender esse mundo o distancia dele. A leitura leva a um afastamento, a uma alienação que faz crescer a vontade de Fausto de eliminar essa distância, de voltar à natureza, banhando-se no seu orvalho verdejante. Goethe começou a escrever sua obra em pleno século XVIII, isto é, no século do Iluminismo. Por um lado, esse movimento promovia a emancipação do ser humano pela razão; por outro, essa razão tornou-se um instrumento repressor para justificar o autoritarismo “burguês” que procurava reprimir as tradições não produtivistas do ser humano. Fausto, então, quer trocar os livros pela vivência imediata da natureza, já que os seus conceitos não servem mais para a intermediação entre o homem e seu mundo.

Para mergulhar na vida, Fausto é obrigado a abandonar toda a sua teoria cinzenta e acaba trocando o desequilíbrio da erudição pelo desequilíbrio da sensualidade, trocando o saber do passado pelo viver do presente. A tragédia de Fausto é de não saber viver. As Ciências da Religião, não se enganem, podem ser uma sedução meio diabólica para nos tornarmos mais sensuais e naturais, mais atentos aos fe-“noumenos” do que ao “noumeno”, para nos soltarmos das amarras das nossas teorias e ciências “divinas” e nos perdermos em passeios primaveris pelos centros e terreiros, pelos pagodes e assembleias do nosso povo, para olharmos as suas tradições de fé com um outro apreço e/ou uma certa desconfiança.

¹⁵ Goethe [2002]. Cabe ressaltar que Goethe e os românticos tiveram influência sobre Eliade, Otto, Jung, Sholen, Corbin e outros autores que são referências clássicas em nossa área de estudos e estão vinculados pelo Círculo de Eranos, onde se desenvolveu uma hermenêutica simbólica do sentido [Ver Wassertrom, 2003].

O problema é quem vamos encontrar em nossas “casas” quando voltarmos desse “passeio de páscoa”, racional-inebriado, pela paixão carnavalesca do povo, pelos santos festivos da nossa gente! “Quem castiga nem é Deus, é os avessos”, já dizia Guimarães Rosa Ronai (1983, p. 13). Portanto, cuidado com o pacto que temos de fazer com Mesfisto nesse campo de estudos – porque com certeza teremos de fazê-lo. Desejamos, de todo modo, que essa aventura acadêmica nos traga sapiência e sirva para o maior fausto da vida – e a maior glória de “Deus”, que, segundo dizem, serve-se até das tramas do “coisa-ruim”.

À guisa de conclusão

Dia desses o anfiteatro do Espaço Executivo da UNICAP, onde funciona o nosso Mestrado, acolheu mais uma sessão do Fórum de Identidade e Missão da Universidade, sob a coordenação do Pe. Jaime Trudel, nosso Ouvidor Comunitário. A esse momento de participação nos rumos da Católica acorreram muitos jesuítas, além de professores e funcionários da Universidade, que são “colaboradores na missão” de educar cidadãos livres e conscientes, “para a maior glória de Deus”.

O nosso Reitor, Pe. Pedro Rubens, iniciou os trabalhos apresentando outro jesuíta, o Pe. Carlos Palacio, Provincial do Brasil, que foi convidado para abordar a temática da “Importância de uma Universidade Jesuíta no Brasil, a partir de sua Identidade e Missão”. O Pe. Alfonso Carlos Palacio Larrauri é um espanhol-brasileiro, exímio teólogo, estimado e admirado por várias gerações dos companheiros de Santo Inácio. Escreveu inúmeros artigos e livros que são referência nas questões teológicas e na sua especialidade, a Cristologia. Lembramos, sobretudo, da sua memorável e premonitória conferência na SOTER de 96, “Novos paradigmas ou fim de uma era teológica?”.

O Pe. Palacio, é claro, falou bem sobre o papel de uma Universidade jesuíta, disse que o seu critério de avaliação é aquilo que os alunos se tornam e que o corpo docente é o

coração de tudo na Academia, disse que a boa formação dos alunos e o trabalho acadêmico relevante dos professores devem ser marcados pelo serviço à fé e pela promoção da justiça, como modo caracteristicamente jesuítico de proceder e de impactar a sociedade. As discussões que seguiram a conferência foram ricas e buscaram pistas para concretizarmos tais inspirações, mas uma fala encantou-nos profundamente e ainda agora faz ressoar um sentimento de maior beleza quando percorremos os corredores e jardins da UNICAP, em meio à gritaria dos seus pavões.

O Irmão Pires, regente do Madrigal da Católica, perguntou ao Pe. Palacio sobre como usar, então, o poder, com esse diferencial jesuítico, na administração da Universidade e na construção das ciências dos seus Cursos... E meio que respondeu ele mesmo à questão, testemunhando o seu aprendizado de que “o papel do regente no coral Madrigal é muito modesto, é o de colocar em harmonia os cantos das pessoas, que são as responsáveis pela música”.

Ficamos tocados pela imagem da Universidade como uma sinfonia: cada gestor ou coordenador, cada professor, com uma batuta silenciosa regendo a sua turma, o seu colegiado. Provocando a harmonia das pessoas em coro, produzindo uma dança de maracatu ali, uma teoria pedagógica aqui, uma pesquisa acadêmica que retumba, mais adiante. Nosso campus é atravessado por sons ácidos de críticas sociológicas e, ao mesmo tempo, por cantigas de ave-marias que ecoam suaves da capela ou da difusora da Católica. Como harmonizar palanques estudantis comunistas com as rodas de capoeira dos meninos down?! Sem problema, se a gente conseguir vislumbrar tudo como uma sinfonia em processo, tiver o desejo de educar como arte, quiser acordar relações.

A essência de um acorde está nas relações. É a relação entre a duração e a frequência que compõe a melodia. As relações formam a própria música. Mais: as relações também formam até a matéria. Os físicos, hoje, argumentam que aquilo que

conhecemos como objeto, mesmo a partícula mais elementar da realidade, é uma aproximação, uma metáfora do real. No nível subatômico, há uma troca contínua de matéria e energia – e são as relações com as outras partículas que fazem uma coisa tender a existir como tal, é a observação do sujeito que colapsa a coisa como isso e/ou aquilo.

Somos todos partícipes, então, de uma teia inseparável de relações: o Universo todo é feito de harmonia de sons e relações. Cabe ao regente usar o poder da sua batuta para favorecer relações e harmonizar. Sem pretender eliminar quaisquer partículas/pessoas/tendências – com suas energias diferentes e contraditórias – mas buscando uni-las em outros níveis de realidade, onde se reencontram para cantar e fazer a dança da vida! É o espaço-tempo do misterioso “terceiro” que, incluído, pode permitir uma “Sinfonia dos Dois Mundos”, como sonhava Dom Hélder, para além da exclusão e da violência.

A música teve, com efeito, desde o início da história, um papel fundamental nos rituais humanos. Os ritmos evocam transe em que o eu é transcendido em nome de algo muito mais amplo. E a dança dá realidade espacial à música, tornando-a concreta, na ciranda da comunidade. Nesses dias temos discutido muito sobre ensino religioso confessional ou educação ética nas religiões, sobre as relações – ou não – entre religião e ciência, teologia e ciências da religião... Será que, tanto a teologia quanto a ciência, não deveriam recuperar a capacidade de fazer as pessoas “dançarem melhor a vida” e escutarem a “música das esferas celestes”? A música foi o primeiro veículo de transcendência do homem. Daí sua presença tão fundamental nas várias religiões. E ela foi, também, a primeira porta para a ciência. Afinal, a Academia começou quando Pitágoras descobriu uma relação matemática entre som e harmonia, mostrando que os sons que chamamos de harmônicos obedecem a uma relação matemática simples.

A música se tornou expressão da harmonia da natureza, e a matemática, a linguagem com que essa harmonia é expressa. Som,

forma e número foram unificados no conceito de harmonia. E Pitágoras e seus sucessores não só estabeleceram a essência matemática da natureza como levaram essa essência além da Terra, unificando o homem com o restante do cosmo por meio da música como veículo de transcendência. Hoje, para além da redução binária da matemática, com as novas descobertas da física, a ciência desvela uma lógica da complexidade que envolve o Universo em diversos níveis e o abre para o mistério da realidade e da sua polissêmica compreensão. A religiosidade está voltando a ser buscada e respeitada, seu simbolismo tem uma verdade a comunicar sobre o sentido de todas as coisas, desde o começo. Mas a experiência religiosa tem algo a aprender com a relatividade da nova ciência, no que respeita à consideração de outras camadas de vivência, de outras possibilidades de acesso à transcendência. “Deus é a harmonia dos contrários”, dizia Nicolau de Cusa. As ciências da religião como uma sinfonia capaz de harmonizar o que se manifesta/e se esconde entre e para além das contradições...

Referências Bibliográficas

BRANDT, Hermann. As ciências da religião numa perspectiva intercultural: a percepção oposta da fenomenologia da religião no Brasil e na Alemanha. *Estudos Teológicos*. São Leopoldo, v. 46, n. 1, 2006.

CRUZ, Eduardo R. *A persistência dos deuses*. religião, cultura e natureza. São Paulo: UNESP, 2004.

DREHER, Luís (org.) *A essência manifesta: a fenomenologia nos estudos interdisciplinares da religião*. Juiz de Fora: UFJF, 2000.

GEFFRÉ, Claude. *Crer e interpretar: a virada hermenêutica da teologia*. Petrópolis: Vozes, 2004.

GIORGI, Amedeo. Sobre o método fenomenológico utilizado como modo de pesquisa qualitativa nas ciências humanas: teoria, prática e avaliação. In: VVAA. *A pesquisa qualitativa*. Petrópolis: Vozes, 2008.

- GOETHE, Johann. *Fausto*. São Paulo: Martin Claret, 2002.
- LIMA, Jorge. Sentir, pensar e dizer o que é o Mestrado em Ciências da Religião – UNICAP. *Revista Paralellus*, Recife, Ano 1, n. 1, p. 13-44, 2010.
- MAHLER, Gustav. Sobre a segunda sinfonia. Apud ALVES, Rubem. Quarto de badulaques XXXVI: <<http://www.rubemalves.com.br>>.
- PADEN, William. *Interpretando o sagrado: modos de conceber a religião*. São Paulo: Paulinas, 2001.
- PONDÉ, Luiz. Em busca de uma cultura epistemológica. In: TEIXEIRA, Faustino. *A(s) ciência(s) da religião no Brasil*. São Paulo: Paulinas, 2001.
- REDYSON, Deyve. *Fenomenologia e hermenêutica da religião*. João Pessoa: UFPB, 2011.
- RONAI, Paulo. *Rosiana: coletânea de conceitos, máximas e brocadas de João Guimarães Rosa*. Rio de Janeiro: Salamandra, 1983.
- SOMMERMAN, Américo. *Inter ou transdisciplinaridade?* São Paulo: Paulus, 2006.
- TERRIN, Aldo. *Introdução ao estudo comparado das religiões*. São Paulo: Paulinas, 2003.
- USARSKY, Frank. *O espectro disciplinar da Ciência da Religião*. São Paulo: Paulinas, 2007.
- WASSERSTROM, Steven. *A religião além da religião*. São Paulo: Triom, 2003.